

A interatividade entre monitor/mediador e aluno visitante durante uma aula passeio no Museu da Terra e da Vida (CENPÁLEO) de Mafra, Santa Catarina/SC, Brasil

Interactivity between monitor/mediator and visitor student in the ride lesson in the Museum of Earth and Life (CENPÁLEO) Mafra, Santa Catarina/SC, Brasil

Eliane Villa Lobos Strapasson (STRAPASSON, E. V. L.)¹

Mary Angela Nardelli (NARDELLI, M. A.)²

Thaisa Emanuelli Vianna (VIANNA, T. E.)³

RESUMO - Esta pesquisa teve como objetivo: identificar e analisar o nível de interatividade entre monitor/mediador e visitante, considerando alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, durante uma aula passeio no Museu da Terra e da Vida (CENPÁLEO) de Mafra/SC, visto a necessidade de estudos relacionados à interpretação dos conhecimentos transmitidos por um monitor/mediador aos visitantes. Com uma metodologia exploratória e descritiva foi possível verificar que ocorre de fato uma interação de forma dinâmica e criativa, porém poderiam ser desenvolvidas atividades mais lúdicas para despertar um maior interesse dos alunos visitantes.

Palavras-chave: Turismo; Turismo pedagógico; Aula passeio; Interatividade; Perfil profissional; Museu.

ABSTRACT - This study aimed to: identify and analyze the level of interactivity between monitor/mediator and visitor, considering students from 1st to 5th grade of elementary school, during a rider lesson at the Museum of Earth and Life (CENPÁLEO) Mafra / SC, seen the need for studies related to the interpretation of knowledge transmitted from a display to visitors. With an exploratory and descriptive methodology was verified that occurs actually an interaction of dynamic and creative way, but more recreational activities could be developed to arouse greater interest of the visiting students.

Key words: Tourism; Educational tourism; Class ride; Interactivity; Professional profile; Museum.

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade do Contestado - Mafra, Santa Catarina; Especialista em Ecologia Aplicada pela Universidade do Contestado; Mestranda em Turismo pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: eliane.cenpaleo@unc.br

² Bacharel em Turismo pela Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais – FEAD MINAS; Especialista em Educação em Valores Humanos pela Faculdade Integrada Espírita; Mestranda em Turismo pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: angelanardelli@gmail.com

³ Bacharel em Turismo (Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO); Especialista em Educação Especial com Ênfase em LIBRAS (Instituto Superior de Aprendizagem Multidisciplinar – ISAM/FAMEPLAN); Mestranda em Turismo (Universidade Federal do Paraná - UFPR); Bolsista pelo Programa de Bolsas de Mestrado e Doutorado (Acordo CAPES/FA). E-mail: temanuelli@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

Partindo do princípio de que a atividade turística é capaz de desencadear o processo de educação e ensino, visto a possibilidade de interpretação dos conteúdos analisados em uma experiência vivenciada, torna-se perceptível a necessidade de estudos no âmbito do turismo e da pedagogia como forma de análise acerca da transmissão interativa de conhecimento.

Dos múltiplos ambientes, equipamentos ou atrativos onde se passa a operação do turismo, vale lembrar, citar e analisar o Museu e sua contribuição.

Nesse pressuposto, poderia ser considerada a relevância de tal “transmissor” na personificação de um profissional - seja ele, monitor, mediador, guia ou professor - que esteja repassando de forma interativa e/ou criativa e/ou lúdica os conteúdos trabalhados em sala de aula para contextualizá-los de forma prática na observação *in loco*.

Assim, esta pesquisa tem como escopo fundamental: identificar e analisar o nível de interatividade entre visitante e profissional (doravante nominado monitor/mediador) durante uma aula passeio no Museu da Terra e da Vida – CENPÁLEO – de Mafra/SC.

Isso se torna pertinente devido ao fato de possibilitar uma compreensão acerca da interatividade entre os agentes durante uma aula-passeio do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, uma vez que é nesta fase que o indivíduo possui grande facilidade de assimilação dos conteúdos de forma prática e lúdica.

Para tanto, este estudo caracteriza-se como exploratório e descritivo de forma a possibilitar um maior contato e compreensão com os fatos e fenômenos descritos, ou seja, descrever e explorar a temática fundamental e ainda as questões vivenciadas no museu no contexto interativo entre o monitor/mediador e o aluno visitante.

Para Rampazzo (2005), esse tipo de pesquisa caracteriza-se em uma abordagem que não consta em documentos e publicações já realizadas, buscando compreender a frequência de um determinado fenômeno e como ele pode impactar na vida social dos indivíduos, de forma que a observação e análise podem ocorrer de forma não estruturada ou assistemática.

Poderia ser salientado que este estudo estrutura-se em uma explanação acerca do perfil profissional para o atendimento em museus, seguindo de uma contextualização sobre o Museu da Terra e da Vida, sob a responsabilidade do CENPÁLEO (Centro Paleontológico de Mafra/SC), posteriormente uma verificação sobre as questões pedagógicas e do turismo como forma de interpretação dos temas observados, finalizando assim com uma análise da interação entre o monitor/mediador do museu e os alunos do 1º a 5º ano no contexto do aprendizado.

2 O PAPEL DO MONITOR/MEDIADOR NO ATENDIMENTO

Em função da diversidade cultural e do multinível possível em termos de conhecimento por parte do frequentador do espaço museológico, poderia ser inferido o perfil dos profissionais responsáveis pela interação com o público visitante, aportado no “paradigma complexo” exposto por Morin (2007, 2011) e a sua abordagem multi-inter-transdisciplinar.

Esses profissionais ocupam papel central, dado que são eles quem concretizam a comunicação da instituição com o público e propiciam o diálogo com os visitantes acerca das questões presentes no museu, dando-lhes novos significados, e, ainda, na relação interministerial Turismo e Cultura. No entendimento interinstitucional, a função de um museu no contexto turístico é de formação para a sustentabilidade, conforme Ibram (2013, p. 17):

O papel do museu na comunidade o valoriza como agente indutor do turismo responsável e sustentável. Nesse sentido, os museus têm importante papel no processo de sensibilização e de conscientização do turista sobre o respeito e a responsabilidade com relação ao patrimônio do local de forma integral, seja por suas belezas naturais, aparelhos culturais, manifestações artísticas ou quaisquer que sejam as motivações da viagem.

É comum ouvir-se falar que um profissional tem o dom para fazer algo, ou até mesmo que faz algo tão bem que nasceu para aquilo. O uso da palavra “dom” pode induzir a inferência de que determinada habilidade é uma característica inata e que, portanto, não pode ser aprendida, muito menos ensinada.

Quando se fala de monitor/mediadores de museus: alguns têm o “dom” profissional e outros não. Esta avaliação, se levada ao extremo, torna inviável a melhoria destes serviços nos museus, dado que se teria que procurar todas as pessoas com o “dom” e, não havendo um número suficiente destas, os setores educativos de museus teriam que trabalhar com profissionais não qualificados (STANDERSKI, 2007).

As responsabilidades atribuídas ao monitor/mediador denotam uma atividade mais complexa do que se imagina e envolve características e postura específica por parte daquele deste mediador, e para tentar desvendar essas especificidades Standersk citando Grinder, define algumas responsabilidades, descritas em 1ª pessoa por aquela autora, para aquele que trabalha com a mediação (GRINDER, 1985; STANDERSKI, 2007):

- 1 - Devemos nos conhecer, em nossas potencialidades e em nossas limitações;
- 2 - Devemos manter uma atitude profissional, não revelando nossas opiniões ou problemas pessoais;
- 3 - Devemos aprender a filosofia educacional da instituição para a qual trabalhamos;

- 4 - Devemos entender as diferenças de aprendizagem de cada um;
- 5 - Devemos entender os visitantes do museu, suas habilidades intelectuais em geral, suas limitações, e suas possíveis necessidades educativas especiais;
- 6 - Devemos entender todas as facetas da comunicação interpessoal, e adaptar nossos corpos e mentes para conseguirmos passar a mensagem que queremos;
- 7 - Devemos conhecer os objetos estudados pela instituição;
- 8 - Devemos ter informação detalhada sobre o objeto específico tratado na visita;
- 9 - Devemos ter estratégias interpretativas que nos permitam chegar ao ponto;
- 10 - Devemos estar prontos para mudar a direção da visita ou reagir a uma situação inesperada quando for preciso;
- 11 - Devemos ser graciosos, amigáveis, e nos colocarmos próximos a todos os visitantes.

Dessa feita, é possível entender o trabalho do monitor/mediador como um multiplicador multidisciplinar (MORIN, 2011). Quando se realiza uma mediação, há diversos aspectos que podem ser planejados, como o percurso pelo museu, os temas relevantes, as questões a serem colocadas em determinados locais do trajeto, o tempo da visita, entre tantos outros. No entanto, há uma gama de fatores que não são planejáveis, mesmo sendo a equipe da monitoria a mais qualificada para o trabalho, tratando-se de “elementos surpresas” da prática profissional.

Considerando então o fato de o atendimento por parte do monitor/mediador possibilitar uma compreensão acerca das informações por intermédio de estratégias específicas, a cultura e o turismo unidos poderiam possibilitar uma interpretação patrimonial dos aspectos históricos da evolução humana.

Assim, a próxima seção abordará e descreverá aspectos relacionados ao Museu da Terra e da Vida para em outro momento ser verificada como ocorre a interação entre o monitor/mediador e os alunos visitantes durante uma aula-passeio.

3 MUSEU DA TERRA E DA VIDA – CENPÁLEO

Os dados aqui apresentados estão sustentados por uma entrevista realizada com um responsável do Cenpáleo, bem como da observação *in loco*⁴ realizada para verificar como se dava a organização estrutural do museu e a interação entre o monitor/mediador e os visitantes.

⁴ Entrevista e observação realizadas em 25 de setembro de 2015.

O patrimônio paleontológico de Mafra (SC) foi descoberto acidentalmente no ano de 1997, durante terraplanagens para instalação de uma empresa. A partir desse episódio, agentes do município se mobilizaram para estabelecer ações que garantissem a preservação desse material e, então, no mês de julho a Universidade do Contestado assumiu a salvaguarda do material e fundou o Centro Paleontológico, com o objetivo de promover a proteção, a pesquisa e a educação do patrimônio paleontológico local.

O Museu da Terra e da Vida está localizado no município de Mafra (SC), sendo que foi inaugurado em 1998, com o objetivo de estabelecer comunicação com a comunidade, uma vez que possui como escopo a divulgação dos patrimônios paleontológicos existentes.

O museu, parte integrante do CENPÁLEO, possui um variado acervo de minerais, fósseis dos mais diversos períodos geológicos e animais taxidermizados. A exposição está organizada em ordem cronológica, dos tempos mais remotos até os dias atuais de forma a proporcionar ao visitante uma melhor compreensão sobre a evolução da vida no planeta.

Sua organização se dá em seis (6) espaços distintos, com contextos diferentes no qual cada um proporciona informações e reflexões sobre o patrimônio natural. A primeira sala, denominada “Origem do Universo”, apresenta imagens e informações sobre a origem do universo e a origem da vida no planeta Terra, bem como, quais fatores contribuíram para o surgimento da vida no planeta.

A segunda sala, “Sala da Terra” (FIGURA 1), apresenta uma exposição de rochas e minerais que fazem parte da crosta do planeta Terra, abordando os principais tipos de rochas: ígneas, sedimentares e metamórficas, informando como são formadas. Essa informação é necessária para que o visitante compreenda em qual tipo de rocha os fósseis são encontrados.



FIGURA 1 - SALA DA TERRA - EXPOSIÇÃO DE ROCHAS E MINERAIS.
FONTE: Acervo do Cenpáleo, 2015.

A terceira sala, “Vida Passada” (FIGURA 2), tem uma exposição de fósseis de animais e plantas, organizados em ordem cronológica, ou seja, dos seres mais antigos para os mais atuais, iniciando com seres com mais de quinhentos milhões de anos e finalizando com seres de dois milhões de anos. A exposição inicia com seres marinhos invertebrados e evolui para seres vertebrados iniciando com os peixes, depois répteis e finalmente os mamíferos.

Nesta sala é dada atenção especial aos fósseis encontrados no município de Mafra, ou seja, fósseis marinhos, representados por peixes que viveram na região há aproximadamente 300 milhões de anos. Esses seres configuram um importante testemunho da vida no planeta e uma peça há mais no complexo quebra-cabeça da evolução da vida.



FIGURA 2 - EXPOSIÇÃO DA VIDA PASSADA – MUSEU DA TERRA E DA VIDA
FONTE: Acervo do Cenpáleo, 2015.

A quarta sala é uma exposição dedicada aos répteis pré-históricos da América do Sul, composta por quatro (4) réplicas científicas de dinossauros, dois (2) encontrados no Brasil e dois (2) na Argentina. Os répteis em exposição são muito significativos, pois são representantes dos primeiros dinossauros que surgiram no planeta, ou seja, os mais antigos, com aproximadamente 240 milhões de anos.

A quinta sala é a mais expressiva do museu, pois apresenta, além de quatro réplicas de pterossauros brasileiros, a réplica do maior dinossauro herbívoro brasileiro, encontrado no estado de Minas Gerais, na cidade de Uberaba. O espécime gigante brasileiro desperta muito entusiasmo nos visitantes do museu e é bastante significativo para a paleontologia brasileira, pois, além de ser o maior exemplar encontrado até a atualidade, é também o mais atual dos dinossauros, tendo vivido no planeta Terra há aproximadamente 60 milhões de anos.

A sexta sala que se chama “Vida Atual” apresenta uma variada exposição de animais taxidermizados existentes nos dias atuais. Esta exposição apresenta répteis, aves e mamíferos provenientes dos estados do Paraná e Santa Catarina, proporcionando a observação e um comparativo entre os seres do passado e do presente.

O Museu da Terra e da Vida, por meio das suas exposições, busca proporcionar ao visitante uma melhor compreensão sobre a trajetória evolutiva da vida no planeta e como os fósseis, que configuram o patrimônio natural paleontológico são ferramentas fundamentais para a comprovação e compreensão da vida no planeta.

4 O TURISMO PEDAGÓGICO E A INTERAÇÃO COM O MEIO

Relacionando o fato de o Cenpáleo ser uma possibilidade de aprendizado acerca das questões paleontológicas em território brasileiro, o profissional responsável pelo atendimento durante uma visita técnica de turmas escolares precisa estar consciente de sua incumbência enquanto possível educador e “transmissor” de conhecimento.

As visitas técnicas ou aulas-passeios são instrumentos desenvolvidos no turismo pedagógico que auxiliam no desenvolvimento do aluno, levando em consideração o fato de as relações sociais e experienciais auxiliarem na sociabilização e preparação dos futuros indivíduos sociais (SOUZA; MELO; PERINOTTO, 2011).

Considerando o estudo do meio como uma prática convergente ao turismo pedagógico, conforme Pontuschka (2004, p. 261):

O aluno expressa o desejo de compreender o espaço do qual faz parte ou os espaços mais distantes, que aguçam o seu desejo de conhecer. É partindo de referências que estão sendo construídas no processo de compreensão daquela realidade, fazendo comparações, que o jovem vai conseguir essa compreensão... O contato direto com um local, seja da realidade do aluno, seja de outras realidades, e a reflexão sobre ele permitem que se formem referências para entender que o meio não é estático, é dinâmico.

Com base no apontamento de Pontuschka (2004), poderia ser ponderado que os alunos conseguem interpretar melhor os conteúdos quando visualizados na prática.

Ao “estar” no meio, os alunos podem ainda compreender os processos evolutivos e a dinâmica espaço-social humana, uma vez que, de forma dinâmica e lúdica, são incentivados a interagir e a questionar sobre os aspectos visuais e físicos, cabendo ao professor ou monitor/mediador repassar as informações empíricas deste meio físico.

Em relação ao estudo do meio, tal prática ocorre levando em consideração a interpretação dos símbolos, a representação dos conteúdos e a possibilidade de compreensão e construção de saberes, conforme Matos (2012).

Esse processo oportuniza o ensino-aprendizagem com informações obtidas rapidamente e as dúvidas e questionamentos são respondidas de forma didático-pedagógicas, ou seja, incentivando o aluno a questionar e a interagir com o que está sendo aprendido fora do ambiente escolar (MATOS, 2012).

É nesse contexto que a interação entre monitor/mediador e aluno precisa de atenção, evidenciando, como escopo desta pesquisa, o atendimento aos alunos quando realizam uma aula-passeio ao Cenpáleo para compreender a evolução geológica do planeta Terra.

Considerando o turismo pedagógico enquanto prática educativa que une o ensino, educação e visitação a um determinado local, Teixeira, *et al.* (2005, p. 134-135) afirmam:

Este meio ao surgir como uma fonte de conhecimento para o turista cidadão traz aos educadores a possibilidade de utilizar-se desta atividade para promover o processo ensino-aprendizagem, pois hoje a educação busca se alicerçar não apenas na teoria, mas também em práticas pedagógicas diferenciadas que despertem o aluno para o conhecimento, integrando-o com a sociedade de forma concreta.

Vinha *et al.* (2005), destacam que o turismo pedagógico contribui de forma a superar o distanciamento dos assuntos teóricos abordados em sala de aula com as questões da realidade. Raykil e Raykil (2005) complementam afirmando que através da vivência dos alunos é possível desenvolver futuros turistas defensores dos patrimônios culturais e naturais, sendo que com viagens de cunho pedagógico é possível demonstrar a melhor forma de usufruir dos recursos disponíveis de forma consciente.

A utilização do turismo como fonte de ensino é capaz de oportunizar uma maior interação dos alunos com os professores, monitor/mediadores, com a sociedade, com o meio físico e os patrimônios. Neste aspecto é de valia analisar o Cenpáleo de Mafra sob a ótica de ensino-aprendizagem de forma interativa e dinâmica para a compreensão dos patrimônios existentes.

Com base nas considerações verificadas acerca das aulas-passeios realizadas no turismo pedagógico, e como elas podem auxiliar no ensino-aprendizado de alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, a próxima sessão abordará uma análise de como ocorrem as visitas dos alunos e a interação com a equipe responsável do Cenpáleo.

5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Os dados descritos e analisados a seguir foram obtidos em entrevista com um responsável do Cenpáleo que estava na administração do museu desde a sua criação em setembro de 1998, sendo que não será feita sua identificação pelo fato de ser apenas um (1) funcionário entrevistado.

Segundo o entrevistado (2015), havia um equilíbrio em relação aos níveis educacionais, desde o 1º ano do Ensino Fundamental até o Ensino Superior com cursos como Biologia, Turismo, História, Geografia, Pedagogia e demais possíveis de relacionar os conteúdos abordados em sala de aula com os materiais do Cenpáleo.

Era realizado um agendamento para a visita ao museu, sendo que apenas uma turma era atendida durante o período, priorizando o atendimento com qualidade e a transmissão dos conteúdos e “saberes”.

Conforme o entrevistado, o monitor/mediador que apresentava o Cenpáleo aos alunos costumava trabalhar de forma diversificada para cada faixa etária. A linguagem utilizada para alunos dos anos iniciais era feita de forma mais simples e lúdica, de forma a possibilitar uma interação maior e uma interpretação mais fácil. Enquanto isto, para o Ensino Superior a linguagem era mais acadêmica, utilizando conceitos das áreas em questão.

Em uma abordagem inicial, o monitor/mediador apresentava aos visitantes ou alunos uma breve descrição do museu, sua história, relevância para a sociedade, manutenção, questões patrimoniais, isto em uma sala de recepção, explicando ainda como o museu estava organizado e como seria o percorrer da visita.

Na primeira sala (e evidenciando de 1º a 5º anos) denominada “Origem do Universo” o monitor/mediador procurava despertar o interesse dos alunos sobre a origem do universo, a origem do Planeta Terra e ainda da vida terrestre, procurando provocar o interesse em compreender como de fato existiram as vidas nos antepassados, fazendo um viés à paleontologia.

Na segunda, chamada “Sala da Terra”, era realizada uma explicação sobre a formação geológica da terra, os diferentes tipos de rochas e em qual formação rochosa eram encontrados e preservados os fósseis encontrados na atualidade. Nesta sala o monitor/mediador interagia com os alunos mostrando rochas magmáticas e possibilitando o manuseio destas pelos educandos, sendo que posteriormente ele explicava o porquê de tal aspecto físico da rocha.

Já na terceira, “Sala da Vida Passada”, os fósseis estavam organizados por ordem cronológica, assim o monitor/mediador procurava orientar e “chamar a atenção” para as questões evolutivas da terra, sendo que, conforme o entrevistado, normalmente os alunos não percebiam tal organização se não orientados.

Era trabalhada também a questão de valorização patrimonial, visto que há ênfase aos fósseis encontrados em Mafra, nisto o monitor/mediador visava explicar de forma criativa para que os alunos conseguissem interpretar e perceber a importância da valorização do patrimônio local.

A quarta sala, “Répteis da América do Sul”, era considerada pelo monitor/mediador, bastante atrativa para o público do Ensino Fundamental, pois apresentava réplicas de dinossauros do Sul do Brasil e também da fronteira com a Argentina. O monitor/mediador primeiramente deixava os alunos observarem as réplicas e posteriormente pedia para que todos se sentassem e explanava sobre estes animais, ainda questionando e procurando interagir com perguntas como: “Por que vocês gostam dos dinossauros?”, “Quais animais chamaram mais a atenção?”, “De onde vocês conhecem ou ouviram falar sobre os dinossauros?” e outras possíveis.

Após este momento o monitor/mediador fazia um “nivelamento” de informações, ou seja, procurava explicar sobre de onde são os fósseis, período em que os animais viveram, as principais características físicas, e outros aspectos relativos aos animais.

Na quinta sala, encontrava-se em exposição o maior dinossauro brasileiro, batizado de Uberabatitan ribeiroi, e quatro réplicas de pterossauros brasileiros. Essa sala, segundo o monitor/mediador, era a mais atrativa do museu, pois os alunos ficavam eufóricos quando viam a réplica científica do gigante animal pré-histórico.

Nesta sala o monitor/mediador estimulava o interesse dos alunos por meio de questionamentos sobre o local onde o animal foi encontrado, suas características físicas, como: comprimento da cauda, o formato do pescoço, arcada dentária etc. e ainda abrangendo a região do Brasil em que foi encontrado. Esses questionamentos conduziam a uma observação mais atenta do animal e compreensão das adaptações do seu corpo, para sua sobrevivência.

A sexta e última sala do museu, “Vida Atual”, apresentava uma exposição com animais taxidermizados. Apresentava uma variedade de animais dos estados do Paraná e Santa Catarina em que os alunos são informados que os animais em exposição são exemplares de animais silvestres da vida atual, resultado de um longo processo de evolução da vida no planeta.

Ainda nesta sala os alunos recebiam informações sobre os procedimentos de taxidermização dos animais e orientações sobre a necessidade de protegê-los, pois encontram-se ameaçados de extinção devido a redução e perda de seus *habitats* naturais e depredação humana.

A visita ao museu terminava com uma reflexão sobre a importância de se conhecer o passado para melhor compreensão da vida atual e, o quanto os fósseis são significativos para esse processo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ponderando a importância do papel do monitor/mediador como agente transmissor de informações e conhecimentos, o atual estudo se destinou a identificar e analisar o nível de interatividade entre visitante e monitor/mediador durante uma aula passeio no Museu da Terra e da Vida (CENPÁLEO) de Mafra/SC, com alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Por meio da pesquisa desenvolvida foi possível verificar que ocorria de fato uma interação de forma dinâmica e criativa entre monitor/mediador e visitantes, e que o papel do monitor/mediador é fundamental para a interpretação do patrimônio natural paleontológico.

Contudo, poderiam ser desenvolvidas atividades mais lúdicas, oportunizando experiências ainda mais significativas, que contribuíssem para despertar nos alunos, maior interesse e valorização do patrimônio local.

A exemplo de tais possibilidades poderia ser citada a utilização de fantoches para a explanação da evolução histórica e de como era o meio físico nos períodos correspondentes à existência dos animais fossilizados disponíveis no Museu da Terra e da Vida, de forma lúdica com a contação de histórias.

Caso o museu dispusesse de material audiovisual, poderia ser desenvolvida uma interação informatizada (vídeos interativos, desenhos animados, imagens etc.) com os alunos para possibilitar a visualização e a compreensão de como era o meio biofísico quando da formação das rochas apresentadas na “Sala da Terra” e em quais podiam ser encontrados os fósseis que são apresentados.

De todo modo, é relevante salientar que qualquer forma de interação acarreta a transmissão de conhecimento e, conseqüentemente, a possibilidade de interpretação pela contextualização dinâmica entre o monitor/mediador e os visitantes ao museu, aqui segmentados por alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Acerca da interação apresentada, resgata-se a observação quanto multidisciplinaridade e infere-se que ela existe, observando-a na flexibilidade dialógica por parte do monitor/mediador, quando se mantém no guiamento de um esmo grupo, do início ao fim da visita, perpassando pelos saberes de diversos campos, como foi citado: geografia, história, física e química (na descrição dos processos de fossilização) e daí opor diante.

Por fim, considera-se que o estudo aqui apresentado foi de satisfatório resultado, apresentando como estava ocorrendo a interação entre um monitor/mediador responsável pelo Museu da Terra e da Vida (Mafra/SC), porém, sugere-se o desenvolvimento de novo estudo no âmbito de uma análise do perfil de todos os monitor/mediadores que conduzem a visita dos alunos e como ocorre a interação entre todos eles com o público em questão.

7 REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto brasileiro de museus. *Museus e turismo: estratégias de cooperação*. Brasília, DF: IBRAM, 2013. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/01/Museus_e_Turismo_Ibram2014.pdf>. Acesso em: 03/10/2015.

GRINDER, A. L.; McCOY, E. S. **The Good Guide: A Sourcebook for Interpreters, Docents and Tour Guides**. Scottsdale, AZ: Ironwood Press, 1985 (p. 9).

MATOS, F. C. **Turismo Pedagógico: o estudo do meio como ferramenta fomentadora do currículo escolar**. In: ANAIS DO VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 16 e 17 de novembro de 2012, Universidade de Caxias do Sul.

MORIN, E. **Os desafios da complexidade**. In: MORIN, E. (Org.). *A Religação dos Saberes. O desafio do século XXI*. 5. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 559-677, 2005.

_____. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo, Cortez: UNESCO, 3. Ed., 2001.

PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. (Org) **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004. p. 249-287.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica**. São Paulo, Edições Loyola, 3. ed., 2005.

RAYKIL, E. B; RAYKIL, C. Turismo pedagógico: uma interface diferencial no processo ensino-aprendizagem. In: **Global Tourism**, São Paulo, v. 1, n. 2, 2005.

STANDERSKI, L.; MARANDINO, M. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional de Ensino de Biologia e I Encontro Regional de Ensino de Biologia – Regional 4

(MG/TO/GO/DF) da Associação Brasileira de Ensino de Biologia – Sbenbio, Uberlândia, agosto, 2007. Disponível em:

<http://www.geenf.fe.usp.br/conteudo/arquivo/monitor/mediadorias_em_ciencias.pdf>.

Acesso em: 03/10/de 2015.

SOUZA,; R. C. A.; MELO, K. M. M.; PERINOTTO, A. R. C. O turismo a serviço da educação: as aulas-passeio promovidas por escola particular em Parnaíba (PI). In: **Rosa dos Ventos**, Universidade de Caxias do Sul, v. 3, n. 1, 2011, p. 51-61.

TEIXEIRA. A. R. *et al.* **A multifuncionalidade da agricultura e a contribuição do turismo rural pedagógico**, 2005. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/extensaorural/art5ed12.pdf>>. Acesso em: 28/09/2015.

VINHA, M. L. *et al.* O turismo pedagógico e a possibilidade de ampliação de olhares. In: **Revista de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas**, Ourinhos/SP, n. 03, 2005. Disponível em: <<http://portal.estacio.br/media/3702613/artigo-maria-lucia.pdf>>. Acesso em: 27/09/2015.